

CONTRIBUIÇÃO MORFOLÓGICA PARA A ESCRITA ORTOGRÁFICA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

TAMIRES PEREIRA DUARTE GOULART¹; ANA RUTH MIRANDA²

¹Universidade Federal de Pelotas – tamirespdgoulart@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – anaruthmmiranda@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A escrita do Português Brasileiro (PB) é entendida como preponderantemente transparente (VELOSO, 2005) em relação ao grau de complexidade que a ortografia ocupa (relação fonema-grafema), tendo o princípio alfabético como seu sistema regulador. Há, no entanto, uma série de dificuldades ortográficas que não contempla a relação biunívoca entre fonema-grafema, apresentando mais de uma opção ortográfica para determinados fonemas. Muitas vezes o fato de haver várias opções de grafia para o mesmo grafema envolve questões relacionadas à morfologia da língua. São exemplos disso as diferentes formas de grafar morfemas que têm pronúncia idêntica, mas escrita diversa como os sufixos –ice e –isse e –am e –ão, que na língua portuguesa correspondem a classes gramaticais ou tempos verbais distintos. Os falantes de Português Brasileiro (PB), em especial os alunos do Ensino Fundamental I, apresentam dificuldades quanto à grafia de vocábulos como esses, porém as regras morfológicas são claras quando distinguem a função de uso de cada um de seus prefixos e sufixos, trazendo pistas que facilitam a escrita de palavras consideradas opacas na língua, ou seja, aquelas que não mantêm a relação direta entre fonema-grafema. Nesse sentido, o objetivo do presente estudo é analisar a contribuição morfológica para a escrita ortográfica do PB, sob os construtos teóricos do Modelo de Redescrição Representacional de Karmiloff-Smith (1992). Na tentativa de compreender quais são os recursos de que lançam mão os alunos do Ensino Fundamental ao escreverem palavras que mobilizam informações morfológicas as quais estabelecem relação com a ortografia, foram criadas tarefas morfológicas para serem aplicadas a alunos de 3º, 5º e 9º ano.

2. METODOLOGIA

Para avaliar a forma como os alunos acessam informações concernentes à morfologia do português para produzirem sua escrita ortográfica, este estudo focalizou os sufixos –isse e –ice e –ão e –am em dois testes que foram criados especificamente para esta investigação que integra uma tese de doutorado em desenvolvimento. Dessa forma, fez-se aqui um estudo exploratório de parte dos dados de uma pesquisa mais ampla.

O teste 1 tem como objetivo avaliar se os sujeitos aplicam as regras morfológicas dos morfemas –isse (formador do tempo verbal pretérito no modo subjuntivo da terceira conjugação (ir) e –ice (formador de substantivos, a partir de adjetivos –meigo/meiguice). O teste 2 tem como objetivo verificar a aplicação dos sufixos verbais –am (indicador de ações no passado) e –ão (indicador de ações no futuro), por meio de uma história criada pela pesquisadora com a presença de pseudoverbos. Os pseudoverbos são verbos inventados como *fapar* e *quepir* que seguem a estrutura linguística da língua. As figuras 1 e 2 representam os testes descritos.

Figura 1: exemplo do teste 1

Figura 2: exemplo do teste 2



Fonte: elaboração própria

No final da floresta vive uma família de cachorrinhos que fala uma língua parecida com a nossa. Qual é a nossa língua?
Essa família é muito divertida e gosta de **gancar** todos os dias. Semana passada eles
na _____ rua, amanhã eles _____ na casa da vovó.



Fonte: elaboração própria

São quinze alunos participantes, sendo cinco do 3º ano, cinco do 5º ano e cinco do 9º ano. Desses, três, um de cada adiantamento, foram convidados, de forma aleatória, para participar da entrevista clínica (CARRAHER, 1989) a ser realizada após a realização das tarefas. Todos os alunos são de uma mesma escola pública do município de Canguçu/RS.

As entrevistas clínicas tem como objetivo indagar o sujeito a respeito das respostas dadas nas tarefas anteriormente realizadas, problematizando tanto as suas respostas quanto outras, potenciais, com o intuito de seguir pistas capazes de elucidar as formas de pensamento desse sujeito acerca do fenômeno investigado. Com esse recurso metodológico, busca-se elementos para uma reflexão sobre o nível de conhecimento morfológico das crianças, seguindo o modelo de Karmiloff-Smith (1992). Nesse sentido, as entrevistas podem revelar qual é o nível de conhecimento que os alunos pesquisados têm sobre a relação que a morfologia pode estabelecer com a escrita ortográfica do PB, sendo, segundo a autora, quatro os níveis que o ser humano pode atingir em relação ao conhecimento de qualquer área ou informação: implícito (I), explicitação primária (E1), explicitação secundária (E2) e explicitação terciária (E3). Na Figura 3, tem-se uma ilustração do Modelo:

Figura 3: Níveis de Redescrição Representacional



Fontes: Lorandi (2011) e Lorandi e Karmiloff-Smith (2012)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos a partir da aplicação dos testes 1 e 2 estão apresentados na Tabela 1 a seguir:

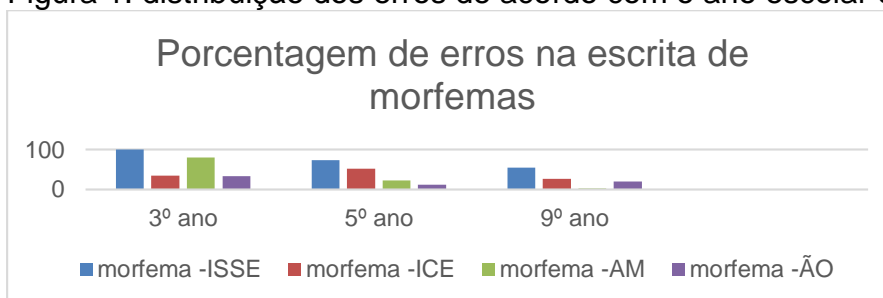
Tabela 1

	Teste 1 -ISSE		Teste 1 -ICE			Teste 2 -AM		Teste 2 -ÃO	
	Acertos %	Erros %	Acertos %	Erros %		Acertos %	Erros %	Acertos %	Erros %
Sujeito 1	0%	100%	43%	57%		67%	33%	44%	56%
Sujeito 2	0%	100%	71%	29%		0%	100%	67%	33%
Sujeito 3	0%	100%	43%	57%		33%	67%	100%	0%
Sujeito 4	0%	100%	100%	0%		0%	100%	100%	0%
Sujeito 5	0%	100%	71%	29%		0%	100%	22%	78%
% 3º ano	0%	100%	66%	34%		20%	80%	67%	33%
Sujeito 6	14%	86%	14%	86%		0%	100%	78%	22%
Sujeito 7	14%	86%	71%	29%		100%	0%	78%	22%
Sujeito 8	43%	57%	57%	43%		100%	0%	100%	0%
Sujeito 9	14%	86%	57%	43%		89%	11%	89%	11%
Sujeito 10	43%	57%	43%	57%		100%	0%	100%	0%
% 5º ano	26%	74%	48%	52%		78%	22%	89%	11%
Sujeito 11	43%	57%	86%	14%		89%	11%	89%	11%
Sujeito 12	0%	100%	57%	43%		100%	0%	100%	0%
Sujeito 13	86%	14%	100%	0%		100%	0%	100%	0%
Sujeito 14	14%	86%	43%	57%		100%	0%	11%	89%
Sujeito 15	86%	14%	86%	14%		100%	0%	100%	0%
% 9º ano	46%	54%	74%	26%		98%	2%	80%	20%

Fonte: dados de pesquisa

Para melhor análise dos erros ocorridos em ambos os testes e de acordo com o morfema em análise, o gráfico na figura 1 apresenta um comparativo dos erros produzidos nas três etapas escolares:

Figura 1: distribuição dos erros de acordo com o ano escolar e o morfema



Fonte: dados de pesquisa

Percebe-se que em relação à escrita do morfema –isse, os erros, embora atinjam 100% no terceiro ano (vide Tabela 1), vão diminuindo conforme o avanço escolar. Nota-se que no quinto ano as grafias do sufixo verbal passam a ser produzidas com índice ainda baixo pelos alunos, aumentando no nono ano. Já em relação ao morfema –ice, os dados revelam que os alunos do 5º ano apresentaram mais trocas desse sufixo em se comparando aos resultados do terceiro ano, mas o índice cai no nono ano. A escrita do –am passa a ser realizada com mais formas convencionais conforme o avanço do ano escolar, sendo que no 9º ano o percentual de erros é de apenas 2%. As escritas para o marcador de futuro –ão, no entanto, mostram que o 5º ano apresenta menos erros que o 3º, mas mais acertos que o 9º, última etapa do Ensino Fundamental. Os resultados obtidos revelam um aspecto interessante, qual seja: a grande variabilidade entre os sujeitos estudados, pois, à exceção da grafia de -isse no terceiro ano, as demais oscilaram bastante entre os alunos de todos os adiantamentos escolares. Observa-se também uma tendência de queda nos índices de erros entre o terceiro, o quinto e o nono ano, quando se faz uma média por turma. Tais percentuais, porém pouco dizem sobre o grau de consciência dos alunos sobre o uso desses segmentos morfológicos nas suas grafias.

Assim, para avançar na compreensão do nível de consciência morfológica, citam-se relatos orais de três sujeitos, um de cada adiantamento escolar e escolhidos de forma aleatória, a fim de verificar o podem revelar sobre a consciência dos alunos ao acessar as informações em âmbito da morfologia da língua, segundo o Modelo de Redescrição Representacional (KARMILOFF-SMITH, 1992). Com base nos relatos obtidos na entrevista clínica, observa-se nenhum deles é capaz de explicitar aspectos relacionados à morfologia. É possível verificar que o aluno do 3º ano produz suas grafias a partir de informações que estão no nível procedimental e, portanto, são não analisadas pelo sujeito, sendo que seus componentes não podem ser acessados e operados separadamente, a palavra é vista como um todo e suas partes não são analisáveis pela criança de forma separada em relação ao uso e significado. As informações fonológicas, fonéticas e visuais são mais prevalentes nas respostas dadas pelo sujeito. Os alunos entrevistados do 5º ano e 9º ano apresentaram indícios de algum acesso às informações morfológicas, tendendo ao nível E2 para o teste 1, levando em conta que as representações estão disponíveis ao acesso consciente, ainda que não sejam explicitadas. Os sujeitos ainda não são capazes de verbalizar as representações e explicar determinadas escolhas, mas já percebem semelhanças entre o uso dos morfemas da língua aplicados no teste. Para o teste 2, notou-se que o acesso às informações referentes aos tempos verbais por meio dos sufixos atingiu, no sujeito em análise, em que os acertos foram um total de 100%, o nível E3, sendo que esse aluno verbalizou e explicou suas escolhas baseadas nas regras linguísticas. Enquanto o sujeito do 5º ano apresenta tendência no nível E2 em ambos os testes.

4. CONCLUSÕES

Neste estudo exploratório, a amostra analisada mostrou a adequação dos instrumentos utilizados, os testes criados especificamente para testar a grafia de morfemas homófonos e a entrevista clínica. Com base nos testes de escrita foi possível observar que há uma evolução nas grafias corretas à medida que avançam os anos escolares e também que há uma sensibilidade maior ao sufixo nominal em comparação aos verbais. A entrevista clínica realizada indica o aumento da consciência morfológica de acordo com o ano escolar, em consonância com os resultados obtidos nos testes. São resultados que apontam à relevância de a escola, em especial os professores de anos iniciais e língua portuguesa, considerarem o ensino formal da função que os morfemas do PB, prefixos e sufixos, exercem na condução da escrita ortográfica. Não se trata de um ensino centrado em regras gramaticais, mas, sim, voltado aos mecanismos de construção da consciência linguística.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARRAHER, T. N. **O método clínico**: usando os exames de Piaget. São Paulo: Cortez, 1989.

VELOSO, J. Língua na escrita e a escrita da língua: algumas considerações gerais sobre transparência e opacidade fonémicas na escrita do português e outras questões. **INVEP**, Lisboa, v. VI, n.1, p. 49-69, 2005.

KARMILOFF-SMITH, A. **Beyond Modularity**: a developmental perspective on cognitive science. Cambridge (MA): MIT, 1992.

KARMILOFF-SMITH, A. **Más allá de la modularidad**: la ciencia cognitiva desde la perspectiva del desarrollo. Madrid: Alianza Editorial, S.A., 1994.